

MEMES E INTERTEXTUALIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Zilda da Silva Ribeiro Teixeira (UERJ)

zildasrt@gmail.com

Denise Salim Santos (UERJ)

d.salim@globocom.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma abordagem sobre o fenômeno da intertextualidade presente em *memes* captados na *internet* e que foram analisados com vistas a se perceber os mecanismos utilizados para um texto relacionar-se com outros e que efeitos são produzidos na compreensão leitora. Para o estudo, conhecer alguns conceitos – e seus desdobramentos – como o de leitura, das linguagens verbal e não verbal, da própria intertextualidade, e dos *memes* faz-se necessário a fim de se proceder a uma análise mais fundamentada. Alguns autores como Koch (1995; 2012; 2015), Marcuschi (2004; 2008), Aguiar (2004), Smith (1991) e Dawkins (1979) serviram de embasamento teórico para a realização da pesquisa. Ao longo das análises, percebeu-se a presença da intertextualidade implícita e o quanto esta é necessária para a compreensão global, tornando o texto criativo, interessante, cômico, crítico e multifacetado, necessitando da ação do leitor para completar seus sentidos.

Palavras-chave:

Intertextualidade. Leitura. *Memos*.

RESUMÉ

Cet article vise à aborder le phénomène d'intertextualité présent dans les *mèmes* capturés sur *internet* et qui ont été analysés afin de comprendre les mécanismes mis en œuvre pour qu'un texte se rapporte aux autres et quels effets sont produits dans la compréhension en lecture. Pour l'étude, la connaissance de certains concepts – et de leurs conséquences – tels que la lecture, les langages verbaux et non verbaux, l'intertextualité elle-même et les *mèmes* est nécessaire afin de mener une analyse plus fondée. Certains auteurs tels que Koch (1995 ; 2012; 2015), Marcuschi (2004 ; 2008), Aguiar (2004), Smith (1991) et Dawkins (1979) ont servi de base théorique à la conduite de la recherche. Au fil des analyses, on a remarqué la présence d'une intertextualité implicite et combien celle-ci est nécessaire à la compréhension globale, rendant le texte créatif, intéressant, comique, critique et multiforme, nécessitant l'action du lecteur pour compléter ses significations.

Mots clés:

Intertextualité. Lecture. *Mèmes*.

1. Introdução

Atualmente, os *memes* – fenômeno bastante comum nas redes sociais – têm apresentado de forma criativa, fatos ou informações da vida cotidiana em tom jocoso, além de vir acompanhado por frases ou trocadilhos.

lhos. Criticidade, humor e ironia são características inerentes a esse fenômeno que se apresenta de forma versátil, relacionando-se quase sempre a outros textos. Passar o tempo, propiciar divertimento, permitir a interação dos interlocutores e até veicular informações passam a ser algumas das intenções da propagação dos *memes*. De acordo com Marcuschi (2004),

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. (MARCUSCHI, 2004, p. 13)

Levando-se em conta que os *memes*, no meio digital, utilizam-se de assuntos variados, proporcionando uma maior liberdade de expressão, a presença da interação comunicativa com outros textos se evidencia bastante. Portanto, a presente pesquisa visa analisar os tipos de intertextualidade em sentido restrito encontrados nesses fenômenos e os efeitos de sentido que são produzidos.

Os exemplos, aqui coletados, fazem referência a alguns acontecimentos relevantes nos anos de 2020 e 2021 em diversos contextos e possuem, em sua composição, imagem e texto – configuração mais comum do fenômeno.

Para o estudo, conhecer alguns conceitos – e seus desdobramentos – como o de leitura, das linguagens verbal e não verbal, da própria intertextualidade, e dos *memes*, faz-se necessário a fim de se proceder a uma análise mais fundamentada. Alguns autores como Koch (1995; 2012; 2015), Marcuschi (2004; 2008), Aguiar (2004), Smith (1991) e Dawkins (1979) serviram de embasamento teórico para a realização da pesquisa.

2. *O meme como uma nova forma de comunicação*

A necessidade de se expressar, de se comunicar é materializada através da linguagem. No ambiente virtual, ela é ampliada por ser utilizada em diferentes modalidades, tendo alcance e penetração social de grande abrangência. Assim, a linguagem por meio de suas inúmeras formas de representação, tem o papel de veicular informação, viabilizar a interação de seus diferentes interlocutores facilitando, desse modo, a vida social. (COSCARELLI, 2016). O *meme*, nesse contexto, vem seduzindo um público que anseia por materiais cada vez mais dinâmicos, dotados de humor.

Apesar de bastante utilizado atualmente, o termo *meme* aparece, pela primeira vez, em 1976, no livro intitulado *O Gene Egoísta* (DAWKINS, 1976). Nesse livro, o autor menciona Darwin, a quem atribui a primeira explicação coerente sobre o porquê da existência humana. Dawkins (1976) teoriza principalmente sobre a seleção natural dos genes, a fim de compreender os processos de evolução e a reprodução das espécies, levando em consideração o seu egoísmo ou altruísmo.

As elucubrações de Dawkins remetem a um composto de informações genéticas que influenciam o comportamento; porém, é na evolução cultural que se mostra a capacidade real de evolução. Ele afirma que as pessoas são máquinas gênicas e que as características de aspecto físico serão esquecidas em algumas gerações, e que essa contribuição pode atingir proporções desprezíveis.

Assim como os genes são replicadores, o autor procura um termo para o novo replicador relativo a tão importante aspecto cultural. Com esta necessidade, reflete sobre o termo *meme* que “traduz” como “(...) um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de *imitação*” (DAWKINS, 1976, p. 112). Conhecedor da origem do termo, o biólogo traz a explicação da raiz grega “Mimeme”, que, por eufonia, é abreviada para “meme”, relacionando-a à memória.

Com relação à transmissão, no aspecto cultural, o conceito parece bastante atual de acordo com o que se espera de um *meme* em um ambiente virtual. Sua mutação e mistura são características marcantes e intrínsecas do fenômeno; entretanto, convém adicionar a ele a criatividade, assim como o humor, aspectos essenciais à viralização.

A partir das reflexões de Dawkins (1976), o termo *meme* passou a ser compreendido como um fenômeno da comunicação veiculado na internet. Nas práticas comunicativas do *meme*, ele vem ocorrendo de forma abundante referindo-se a fatos, notícias ou informações da vida cotidiana acompanhados de imagens, vídeos, frases ou trocadilhos.

No ambiente virtual, percebe-se a integração de várias formas de expressão, em especial das linguagens verbal e não verbal; também denominadas de linguagem verbal e verbo-visual (BRAIT, 2013). Para a linguista, existe o estudo somente da imagem e aquele voltado para o verbal e o visual cujo casamento é preponderante para uma composição global de significados.

Diante das diversas formas de linguagem presentes no ambiente virtual, esta pesquisa limitou-se aos *memes* desenvolvidos a partir de i-

magens acompanhadas de textos extraídos de um outro contexto – como fotos, desenhos e/ou montagens e pequenos conteúdos escritos – que representaram alguma situação destacada/inusitada no cenário do cotidiano e que assumiram uma manifestação de determinada comunidade de acordo com o contexto sociocultural e político em que estavam inseridos. Sabe-se que o humor é uma característica preponderante nos *memes*, e, com relação a isso, Possenti (2010) afirma que o riso é acionado quando há “(...) quebra de expectativas, surpresa, ambiguidade, ocorrência de tipos de situações baixas, textos incoerentes etc.” (POSSENTI, 2010, p. 121), ou seja, o efeito de humor decorre da surpresa manifestada por meio de uma causa linguística ou situacional.

Os *memes* vêm se valendo de situações inusitadas que não podem ser desvinculadas das experiências sociais pelas quais passam seus criadores. Causar o riso utilizando-se de informações conhecidas por todos e compartilhar esses textos passa a ser uma forma de legitimar ainda mais o humor ali percebido; causando frustração àqueles que não conseguiram ler as “entrelinhas”.

3. *Uma abordagem da leitura*

Por meio da leitura, a inclusão social se estabelece e as informações não ficam restritas apenas à transmissão oral. A capacidade de ampliar o repertório de ideias e conseguir ler criticamente, ouvir, refletir, tirar conclusões e estabelecer relações entre os fatos avança à medida que o acesso à informação se concretiza.

Para Coscarelli (2010, p. 38), “texto e leitura são noções complementares e totalmente inter-relacionadas (...)”, porém o que se concebia por texto ainda se restringia à forma verbal; mas o que se vê atualmente é um texto que

[...] vem com design, vem com as expectativas do leitor, vem com as perguntas desse leitor, vem com as habilidades cognitivas e os conhecimentos que ele tem e ativa para a leitura. O texto vem com uma situação de interlocução. (COSCARELLI, 2010, p. 38-9)

Segundo Koch (2016), a concepção de leitura é baseada na percepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se queira aderir. Na concepção interacional da língua, ou seja, na interação autor–texto–leitor, vê-se a leitura como uma atividade complexa na produção de sentidos e altamente interativa, pois a dialogia estabelecida entre autor e lei-

tor – sujeitos ativos – proporciona a construção de um texto baseado na interação e na constituição dos interlocutores.

De acordo com Marcuschi (2008), para que haja a compreensão textual, o leitor deverá lançar mão de alguns processos cognitivos mentais próprios do ato de compreender. Durante o processamento textual, três sistemas de conhecimento são acionados: o linguístico, o enciclopédico e o interacional (KOCH, 2008). Nesta pesquisa, priorizou-se o conhecimento enciclopédico – também chamado conhecimento de mundo – é aquele que se encontra na memória de cada indivíduo, em sua experiência sociocultural. Verifica-se, portanto, que o sentido não está no texto, mas, sim, é construído a partir dele, por meio da interação entre seus atores.

No ambiente virtual, os leitores são co-criadores das novas práticas, cabendo-lhes a criticidade, a observação e a criação coletiva de novos usos da linguagem (VERGNANO-JUNGER, 2015). São os “lautores”. (ROJO, 2015). Cabe ao leitor, então, aprender a lidar com as características do texto virtual, uma vez que, nesse tipo de leitura, os sentidos se constroem baseando-se na interação das diferentes linguagens.

A BNCC além de ratificar a importância dos textos consagrados, demonstra uma preocupação em evidenciar o trabalho com os gêneros textuais, abarcando as linguagens verbal, corporal, visual, sonora, isto é, bem contemporâneas. Vale ressaltar que o *meme* é incluído no documento analisado como um gênero a ser trabalhado dentro da cultura digital.

3.1. As linguagens verbal e não verbal na leitura

Pode-se dizer que o ambiente virtual é bastante versátil e as informações são breves, efêmeras e até fragmentadas, portanto sugerem novas formas de comportamento comunicativo. Grande parte do sucesso dessas novas formas de comunicação deve-se à integração de várias formas de expressão, dentre elas as linguagens verbal e não verbal; também denominada de linguagem verbal e verbo visual (BRAIT, 2013).

De acordo com Aguiar (2004), a linguagem verbal baseia-se na linguagem articulada, que forma a língua; e a linguagem não verbal tem como suporte imagens sensoriais, dentre elas as visuais, auditivas, sinestésicas, olfativas e gustativas. A primeira se caracteriza por ser objetiva, lógica, racional, voltada à interpretação e à explicação; já a segunda, de

difícil definição, abarca imagens, metáforas e símbolos e raramente fornece certezas absolutas; porém, baseada em alguns padrões e relações socialmente estabelecidas, permite tirar ou sugerir conclusões.

De acordo com Marcuschi, é inegável a presença, na internet, de gêneros fundamentalmente baseados na escrita; entretanto, atualmente, “(...) o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas.” (2004, p. 19). Entendendo-se por semiótica como uma ciência que tem por objeto de pesquisa todas as linguagens possíveis constituídas como fenômenos de produção de sentido e significado (SANTAELLA, 2003). O que se observa a partir desses autores é que, além da linguagem verbal, a linguagem não verbal possibilita uma vasta abrangência de outras linguagens que se constituem em sistemas sociais e históricos de representação no mundo.

Para Aguiar (2004), a linguagem varia de acordo com as necessidades dos utentes e o tipo de comunicação que se pretende estabelecer. Portanto, de acordo com as intenções comunicativas, os textos verbais e não verbais irão mostrar o modo de vida e a visão de mundo do leitor, ou seja, são criados sinais que têm significado àqueles que fazem parte de determinado grupo. Para se construir sentido, há a necessidade da interação entre as diferentes linguagens, pois ambas, se separadas, afetarão a compreensão do enunciado.

4. *Sobre a Intertextualidade*

Para se analisar o fenômeno da intertextualidade, torna-se necessário conhecer uma evolução do sentido de texto.

De acordo com Koch (2012), “texto” assume, em seu percurso de estudos, várias concepções: em torno de 1960, texto era visto como uma entidade abstrata, a unidade mais complexa do sistema linguístico, cujos elementos e regras eram analisadas pela Linguística Textual. Nesse período, os mecanismos de coesão textual e as relações sintático-semânticas receberam grande impulso em seus estudos.

Nos meados de 1970, ocorreu, segundo a autora, a “virada pragmática”, o que ampliou de forma significativa o conceito de texto, passando o mesmo a ser estudado levando em consideração uma série de fatores como a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a in-

formatividade e a intertextualidade, ao lado da coesão e da coerência; o que reitera Marcuschi (2008).

Já nos anos 1980, são incorporados à Linguística Textual mecanismos e estratégias de ordem cognitiva visando ao processamento textual e à construção de sentidos, ampliando, dessa forma, ainda mais o sentido de texto. Nesse período, a coesão e a coerência, não mais vistas de maneira estanque, operam processos de ordem cognitiva com alguns fenômenos mais típicos de coesão (como exemplo as anáforas diretas correferenciais); e outros mais próprios da coerência (como a intertextualidade e a construção da macroestrutura global do texto). A imbricação entre as duas é necessária para que se efetive o sentido no texto.

A partir dos anos 1990, o texto passa a ser visto como lugar de interação dos sujeitos sociais, como eventos que convergem em ações linguísticas, cognitivas e sociais; portanto, com uma construção complexa e multifacetada. De acordo com Marcuschi (2008), um texto não pode ser interpretado sem situacionalidade e inserção cultural, pois considerando apenas a linguagem, ele não pode ser compreendido. Necessita-se, portanto, da cultura, da história e da sociedade para se construir interpretações coerentes dotadas de sentido.

Para Marcuschi, alguns aspectos relacionados ao texto e à textualidade, devem ser considerados:

- Primeiro: a existência de um texto depende de que alguém o processe em algum contexto;
- Segundo: o texto situa-se num contexto sociointerativo e satisfaz um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de sentidos;
- Terceiro: o co-texto será um texto quando conseguir oferecer acesso interpretativo a um leitor/ouvinte que tenha uma experiência sociocomunicativa importante para a compreensão. (MARCUSCHI, 2008, p. 89)

Assim, para o autor, cada aspecto descrito anteriormente possui relevância no processamento textual, pois a textualidade depende muito mais da sua condição e de processabilidade cognitiva e discursiva do que da simples correção sintático-ortográfica.

Julia Kristeva – crítica literária francesa – introduziu o conceito de intertextualidade na década de 1960. Para Trask, a utilização do termo tinha uma aplicação mais ampla, pois a literária “(...) encara cada texto como constituindo um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos” (TRASK, 2004 *apud* KOCH 2015). Nesse sentido, pode-se perceber que um texto sempre irá se apoiar em outro texto,

ou seja, existe um dialogismo, uma convergência, um cruzamento de textos, em que várias vozes são ouvidas e as reflexões a cerca delas é imprescindível, gerando novas significações.

Antunes (2009) percebe a intertextualidade como um discurso que remete a discursos anteriores e assim sucessivamente. A humanidade, no curso de sua história, realiza um discurso que se vai compondo, completando e se refazendo; portanto um discurso continua o outro, sem rupturas e a originalidade de cada discurso encontra-se em não ser o primeiro, mas um contínuo de vários outros. O mesmo se pode verificar na seguinte afirmação “(...) o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas” (BARTHES, 1974 *apud* KOCH, 2015, p. 131).

O discurso vai-se formando no curso da história e assim se compondo, de acordo com Antunes (2009). Fairclough (2001) já relacionava a história à construção de textos e os textos como artefatos que compõem a história. Por conseguinte, a imbricação de ambos contribui para processos de mudança, antecipando e tentando moldar textos subsequentes. É a intertextualidade como fator de transformação, produção e geração de novos textos.

De acordo com Koch (2012), a intertextualidade *stricto sensu* se dá quando um texto encontra-se inserido em outro texto já produzido ou quando faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores. A autora relaciona alguns tipos com características próprias: a intertextualidade temática, a estilística, a explícita, a implícita, a intergenérica e a tipológica.

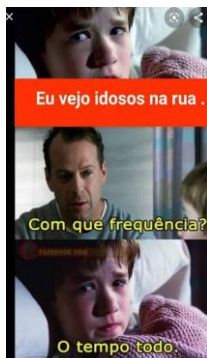
A heterogeneidade do texto revela a correspondência que ele mantém de seu interior com seu exterior. Na alusão a textos já ditos, promove-se a ampliação das informações e a comunhão de vários discursos. “E esse fato é relevante porque dá margem a que se façam interconexões dos mais variados tipos para a própria interpretação (...)” (MARCUSCHI, 2008, p. 132).

5. Análises

A intertextualidade está bastante presente, como dito anteriormente, nas matérias de jornais e na mídia em geral. A proposta para a presente pesquisa foi analisar alguns *memes* captados na internet nos anos de

2020 e 2021. Em uma época de pandemia, em que o distanciamento social alijou as pessoas do contato físico, temos uma grande profusão de *memes* sobre os acontecimentos nas redes sociais.

Figura 1.



Fonte: <https://talisandrade.blogs.sapo.pt/sindicato-acionatribunais-de-todo-o-2340068>. Em: 04 abr. 2021.

Esse *meme* foi escolhido por apresentar uma das situações vivenciadas durante a pandemia. Observou-se que existe uma série de *memes* que apresentam o personagem Cole Sear associado a uma célebre frase dita durante o filme “O Sexto Sentido”: “O tempo todo” o menino aparenta ter um comportamento conturbado, isolando-se e escondendo um segredo dos que vivem ao seu entorno. Com ele, o personagem Dr. Malcolm Crowe, um psicólogo infantil também um tanto transtornado, trava diálogos tentando ajudá-lo.

Em uma série de três quadros – cenas do filme – aparecem também três frases. A segunda e a terceira são falas originais do longa-metragem. A primeira frase “Eu vejo idosos na rua.” faz alusão ao texto original: “Eu vejo pessoas mortas.”, uma associação a um momento inicial do período de pandemia pelo qual passou o mundo inteiro. No Brasil, de acordo com o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação Contra a Covid-19 (BRASIL, 2021), priorizou-se para a vacinação a preservação do funcionamento dos serviços de saúde, assim como a proteção dos indivíduos com maior risco de desenvolver formas graves da doença, isto é, pessoas com 60 anos ou mais. O objetivo era que os idosos permanecessem em casa a fim de se protegerem do vírus causador da doença; entretanto, muitos circulavam pelas ruas desobedecendo uma medida governamental.

Portanto, em um *meme* aparentemente simples, várias leituras anteriores são resgatadas a fim de ancorar uma compreensão total do texto. Um caso de intertextualidade implícita cuja memória discursiva e conhecimento de mundo são necessários no entendimento da mensagem. Cabe ao leitor ativar o texto-fonte na memória e em seu percurso de leitura e compreensão a fim de se aproximar do sentido pretendido pelo autor. Caso ele não tenha visto o filme e desconhecesse as primeiras medidas de vacinação adotadas, certamente não teria encontrado o humor no *meme*.

Figura 2.

O Capitão Nascimento acabou de pegar o Lázaro



Fonte: Redes sociais/Whatsapp. Em 22 jun. 2021.

Pode-se observar, nesse *meme*, dois atores brasileiros bem conhecidos em filmes e novelas: Wagner Moura e Lázaro Ramos. O primeiro interpretou o personagem Capitão Nascimento no filme “Tropa de Elite”. Ele é um líder nato, que prepara sua tropa para as revezes da violência na cidade do Rio de Janeiro, ou seja, um policial que tinha por objetivo combater a violência a qualquer custo. O segundo, o ator Lázaro Ramos, também muito famoso nas telas, teve seu nome “envolvido” em cenas reais.

Em junho de 2021, um criminoso chamado Lázaro era apontado como o autor de mais de 30 crimes em Goiás, na Bahia e no Distrito Federal. Após 20 dias de fuga, o foragido morreu em confronto com a polícia. Este fato, apesar de envolver violência, crueldade e de disseminar o medo entre os moradores das cidades citadas não escapou da ironia e do humor das redes sociais. O autor do *meme* se utilizou da foto em que se encontram o intérprete do policial e o ator Lázaro a fim de encontrar o humor onde realidade e ficção se misturam.

Para compreender a mensagem do *meme*, o leitor necessita, previamente, reconhecer as pessoas presentes na imagem e suas atuais realidades. Nessa intertextualidade implícita, o leitor deve mobilizar seu contexto sociocognitivo, descobrindo os intertextos, para detectar a ironia na construção de sentido. Apenas com a imagem, não seria possível realizar as associações. Uma foto retirada das mídias juntamente com a linguagem verbal e o conhecimento de mundo do leitor, culminam na compreensão global do *meme*.

Figura 3.



Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/o-que-e-meme,58957974-cbb0ff680a73dfbfe14cec4cv7gwp4l.html>. Em: 01ago. 2021.

O criador do *meme* em questão buscou uma imagem conhecida mundialmente para compor a mensagem. Relacionar a imagem/comportamento das pessoas atualmente é atividade fundamental para realizar a compreensão. Verifica-se, ainda, a necessidade da complementariedade entre verbal e visual.

A obra “A última ceia”, de Leonardo Da Vince, foi pintada em 1495, levando três anos para ser finalizada. Ela é uma das obras religiosas mais famosas do mundo e o pintor teve que se reinventar para produzir essa obra de grandes dimensões e com características bem peculiares. A obra tem mais de 500 anos e continua despertando a atenção de seus admiradores, sendo reinventada de várias formas de acordo com os gostos populares.

A imagem do *meme* representa uma releitura da obra de Da Vince em um cenário mais atual. Jesus, ao centro e sozinho, toma a posição da pessoa que organiza e administra a reunião *on-line*. Por meio do questionamento “Estão todos com som..?”, o organizador deseja confirmar o início do encontro. Os participanetes estão separados e são mostrados em ícones diferentes, sugerindo que estão todos no mesmo

link. Se o *meme* fosse criado em uma outra época, sem a realidade na qual se vive atualmente, ele não faria sentido aos seus leitores.

Por meio do questionamento expresso e da montagem criada com a linguagem não verbal, verifica-se mais um *meme* que tenta extrair do isolamento social e das atuais condições de trabalho o humor em sua sua criação.

Linguagem verbal, não verbal, releitura, conhecimento de mundo, entre outros, são enfoques que, para serem percebidos, necessitam da descoberta, pelo interlocutor, dos intertextos nele presentes. Mais um *meme* em que se observa uma ocorrência de intertextualidade implícita.

6. Considerações finais

Na composição dos *memes*, a presença da alusão é fundamental na construção do dialogismo nos intertextos, pois “Reputamos a alusão como uma espécie de referenciação indireta, como uma retomada implícita, uma sinalização para o coenunciador de que, pelas orientações deixadas no texto, ele deve apelar à memória para encontrar o referente não dito” (CAVALCANTE, 2006 *apud* KOCH, 2012, p. 127); portanto o coenunciador necessita reconhecer os outros textos a fim de compreender, nas entrelinhas, o que o enunciador não disse explicitamente.

Em todos os *memes*, pôde-se perceber a presença da intertextualidade implícita e o quanto esta é necessária para a compreensão global, tornando o texto criativo, interessante, cômico, crítico e multifacetado, necessitando da ação do leitor para completar seus sentidos, ou seja, é a representação da interação autor–texto–leitor.

Foi observado, durante o estudo, que o *meme 2* foi disseminado com a mesma linguagem não verbal, porém com a verbal sendo variada de acordo com os acontecimentos. Isso significa que os *memes* ganham ampliações de sentido e mais relevo de acordo com novos acontecimentos; é a replicação cultural que está sujeita a novas composições e expansão de significados.

Um outro aspecto fundamental na composição dos *memes* apresentados é a sua formação híbrida ou combinação da linguagem verbal com a verbo visual, ou ainda multimodalidade. Na construção de sentidos, a interação entre essas diferentes linguagens é primordial, causando até uma má compreensão caso sejam separadas ou desassociadas.

Por fim, percebeu-se ainda sobre os *memes* analisados mostram o modo de vida de um determinado grupo social, suas histórias, culturas e estilos de vida. Esses textos/*memes* são construídos socialmente e representam sistemas sociais e históricos em que coenunciadores e enunciadores coexistem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRAIT, Beth. *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica*. Bakhtiniana, 8 (2), p. 43-66, São Paulo, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19*. 9. ed. Brasília-DF. 15/07/2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/guias-e-planos/plano-nacional-de-vacinacao-covid-19>. Acesso em: 01 ago. 2021.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

CONSIGLIO, Keka. *20 curiosidades sobre a última ceia, obra-prima de Leonardo da Vinci*. 14/05/2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/20-curiosidades-sobre-a-ultima-ceia-obra-prima-de-leonardo-da-vinci/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. *Leitura: um processo cada vez mais complexo*. *Revista Letras de Hoje*, v. 45, n. 3, p. 35-42, Porto Alegre, jul./set. 2010.

_____. *et al. Tecnologias para aprender*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Trad. de Geraldo H.M. Florsheim. São Paulo: Itatiaia, 1979.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAN, Ritter. *Crítica/O sexto sentido*. 14/03/2017. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-o-sexto-sentido/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

KOCH, Ingedore G. Villaça, ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. ed., 11ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore G. Villaça, ELIAS, Vanda Maria. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____; _____. O texto: construção de sentidos. *ORGANON Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, v. 9, n. 23, Rio Grande do Sul, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29382/18069>. Acesso em: 27 jul. 2020.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: ____; XAVIER, A.C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, Sírío. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo-SP: Melhoramentos, 2012.

SANTANA, Vitor; RODRIGUES, Guilherme. *Polícia ainda não consegue comprovar organização criminosa ligada a crimes de Lázaro Barbosa, diz delegado*. 28/07//2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/goias/noticia/2021/07/28/policia-ainda-nao-consegue-comprovar-organizacao-criminosa-ligada-a-crimes-de-lazaro-barbosa-diz-delegado.ghtml>. Acesso em 01 ago. 2021.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

VERGANO-JUNGER, Cristina. Leitura na sociedade da informação e formação de professores: um olhar sociocognitivo. In: BAALBAKI, A.; CARDOSO, J.; ARANTES, P. (Orgs). *Linguagem: teoria, análise e aplicações* (8). Rio de Janeiro: UERJ/Programa de Pós-graduação em Letras, 2015. p. 13-28